

A DISCRIMINAÇÃO RACIAL EM LIVROS DIDÁTICOS E INFANTO-JUVENIS

Esmeralda Vailati Negrão
da Fundação Carlos Chagas/SP

Nesta apresentação exporei as principais conclusões de um levantamento feito em trabalhos acadêmicos que se preocuparam em denunciar os preconceitos e discriminações raciais veiculados por livros didáticos e infanto-juvenis¹. Tais estudos podem ser divididos em três grupos, cada um deles representando

uma etapa na evolução do pensamento sobre o assunto. A preocupação com a representação do negro em livros didáticos e para-didáticos começa, no Brasil, com o trabalho de Dante Moreira Leite *Preconceito racial e patriotismo em seis livros didáticos brasileiros*, escrito em 1950.

No primeiro momento, no qual incluo estudos como o de Hollanda (1957) e Bazzanella (1957), vemos uma preocupação em tentar captar o preconceito explicitamente expresso nesses materiais. Como o próprio Bazzanella reconhece, a ocorrência de preconceitos explícitos é muito pequena.

Num segundo momento estão principalmente os estudos acadêmicos dos anos 70 que, através de uma análise de conteúdo de temas que pode ser chamada de qualitativa, partem para captar a veiculação explícita e implícita do preconceito através da discussão dos temas abordados na literatura didática. Fazem parte deste grupo trabalhos como o de Rego (1976) e Nosella (1978).

Imbuídos desta preocupação, esses trabalhos detectam como os personagens pretos e mulatos são

representados na literatura infantil e didática. Para tanto, faz-se o levantamento dos tipos mais frequentes, denunciando-se as lacunas na apresentação dos fatos históricos, o escamoteamento na argumentação. A análise levada a este ponto deságua na reivindicação pela recuperação da história e da cultura do povo africano no Brasil. Esta reivindicação apóia-se na concepção de que a recuperação da história acarreta o fortalecimento da identidade da população negra, uma vez que os negros poderiam, assim, apropriar-se de sua história e da história de suas lutas.

Cabe, a este ponto, ressaltar a relação entre o arsenal metodológico e a denúncia da forma assumida pelo preconceito. Portanto, se o enfoque muda, e conseqüentemente uma nova metodologia é usada, uma nova faceta do preconceito é desvelada. E aí eu colocaria o terceiro grupo de estudos: Rosemberg (1980), Pinto (1981) e Tavares (1981). A metodologia esteve, nestes estudos, a serviço de uma investigação mais geral, ou seja, a caracterização do emissor e do receptor da produção cultural para crianças. Rosemberg (1980) define esta relação como sendo entre desiguais e iguais.

Desiguais, por ser uma relação entre o adulto emissor e a criança receptora. Esta relação explica o caráter didático que impregna a literatura infantil. A análise da literatura mais recente mostra uma mudança nesta postura e conseqüentemente a literatura infantil está se aproximando da Arte e se distanciando da Pedagogia.

Entre iguais porque o autor, adulto branco, se dirige a um público por ele representado como crianças brancas de classe média. Nesta medida, a criança negra, com suas vivências e desejos, está excluída do próprio processo de comunicação instaurado pela literatura didática e para-didática. É esta dualidade desigual-igual que explica o fato de, num mesmo texto, discursos igualitários coexistirem com representações discriminatórias de personagens. O preconceito veiculado pela literatura se justifica na medida em que tais obras são produzidas para educar a criança branca.

A discriminação e a opressão brotam quando se desvendam as tramas do conteúdo. Daí a importância da metodologia utilizada². A análise quantitativa e qualitativa permitem "desvendar significados pouco claros e trazer para o primeiro plano aspectos comuns sossobrados na diversidade estilística" (Rosemberg, 1985, p. 35).

1 Este trabalho resume um dos capítulos integrantes da pesquisa "Diagnóstico sobre a situação educacional de negros (pretos e pardos) no Estado de São Paulo" — realizada pela Fundação Carlos Chagas em convênio com a Secretaria da Educação e o Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra.

2 Ver a comunicação "A representação do negro em livros didáticos de Leitura" a p. 88, para exemplificação desta metodologia e conclusões por ela possibilitadas.

A coerência e a consistência na caracterização preconceituosa de personagens negros mostra que, embora uma nova concepção da relação adulto-criança, que se estabelece com a literatura, esteja surgindo, a imagem da criança compondo o público desta produção ainda apresenta o traço da cor branca.

Portanto, a discriminação racial não está presente somente no escamoteamento da história do povo negro, mas se faz presente na própria definição deste gênero de literatura, na medida em que o cotidiano e a experiência da criança negra estão aliados do ato de criação dos personagens e do enredo desta literatura. Somente quando esta literatura incorporar a visão de mundo e a perspectiva do ser negro é que ela poderá dar, à criança negra, a possibilidade de tornar-se um interlocutor neste processo de comunicação. Porém, não se está querendo aqui propagar a existência de duas literaturas destinadas a públicos diferentes. A incorporação de outras perspectivas tem como objetivo alargar o público e não segmentá-lo.

Gostaria de concluir ressaltando que a relação produção-recepção da literatura didática e paradidática não é unidirecional, ou seja, não caminha somente no sentido produção-recepção. A recepção também atua, exercendo pressão para mudanças na emissão. Um exemplo disto é justamente a mudança que está ocorrendo na literatura infantil, que cada vez mais se distancia da Pedagogia e se afirma enquanto obra estética.

Portanto, a ação se faz necessária para que mudanças no sentido da eliminação da discriminação racial se processem na literatura didática e paradidática.

Revelar o preconceito não é tudo. Somente uma mudança no tipo de relação estabelecida pela emissão e recepção poderá alterar características intrínsecas da produção cultural para crianças. Tal mudança será decorrência da introdução de uma nova ótica nos estudos voltados para essa produção. E mais ainda, advirá de ações efetivas de combate ao preconceito.

Se a denúncia é rica, as ações são ainda incipientes e muito tímidas.

A Fundação para o Livro Escolar-FLE (Estado de São Paulo) na gestão 83/84, concebendo a política do livro escolar como parte do programa de democratização educacional, propõe-se como meta, entre outras, a luta, por um livro "provocativo". Dentre as características definidoras de um livro provocativo está: "não ser um veículo de preconceitos e inverdades" (Fundação, 1983). Para atingir tais metas, o programa "Estimulando a adoção crítica e solidária do livro didático" é desenvolvido. Como parte de sua implementação, três iniciativas foram tomadas: elaboração e distribuição para toda a rede pública estadual de ensino do jornal *O livro nosso de cada dia*, que em seu primeiro número discutia a veiculação de preconceitos pelo livro didático; a promoção do I Encontro Estadual sobre o livro didático; e a realização

de seminários sobre as discriminações nos livros didáticos, um deles dedicado à representação social do negro. Estas iniciativas tiveram o mérito de levar a discussão sobre o livro didático para dentro da escola.

Um outro passo muito importante foi dado pela Assessoria Técnica de Planejamento e Controle Educacional — ATPCE — da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, com a elaboração de uma resolução disposta sobre a criação da "Comissão especial de luta contra todas as formas de discriminação". Entre as considerações que levaram à criação desta comissão está a discriminação encontrada nos materiais instrucionais e nos livros didáticos. Esta resolução já foi aprovada pelo Secretário da Educação do Estado.

O Setor de Educação do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra pretende, através de um trabalho conjunto com a CENP (Coordenadoria de Ensino e Normas Pedagógicas) da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e com a FLE, propor a revisão dos livros didáticos e a produção de livros e cartilhas sobre vultos históricos (escritores negros).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAZZANELLA, W. Valores e estereótipos em livros de leitura. *Boletim do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais*. Série Educação e Ciências Sociais. Rio de Janeiro, 2(4), mar., 1957.
- FUNDAÇÃO PARA O LIVRO ESCOLAR. *Por uma política do livro escolar integrada à estratégia da educação democrática*. São Paulo, 1983.
- HOLLANDA, G. de. A pesquisa de estereótipos e valores nos compêndios de História destinados ao curso secundário brasileiro. *Boletim do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais*. Série Educação e Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2(4), mar., 1957.
- LEITE, D.M. Preconceito racial e patriotismo em seis livros didáticos primários brasileiros. *Psicologia*. São Paulo, (3):20-31, 1950.
- O LIVRO NOSSO DE CADA DIA. São Paulo, FLE, s.d.
- _____. São Paulo, FLE, 7(2), 1984.
- NOSELLA, M. de L.C.D. *As belas mentiras*: as ideologias subjacentes aos textos didáticos de leitura das quatro primeiras séries do primeiro grau. São Paulo, 1978. [Dissertação Mestrado — PUC — SP].
- PINTO, R.P. *O livro didático e a democratização da escola*. São Paulo, 1981. [Dissertação Mestrado FFLCH/USP].
- REGO, M.F. *Leituras de Comunicação e Expressão*; análise de conteúdo. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1976. [Tese Mestrado].
- ROSEMBERG, F. *Análise dos modelos culturais na literatura infantil brasileira*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1980.
- _____. *Literatura infantil e ideologia*. São Paulo, Global, 1985. [Teses, 14].
- TAVARES, M.L. de S.B.P. *No reino da desigualdade*. São Paulo, 1981. [Dissertação Mestrado — Escola de Comunicação e Artes/USP].